

O PETRÓLEO E A CRISE NO IRAQUE

Após a revolução de 14 de julho em Bagdá, o petróleo do Iraque tornou-se um ponto nevrálgico da situação internacional. E esta não é a primeira vez. Com efeito, os poços de petróleo em território da antiga Mesopotâmia vêm desempenhando, há meio século, importante papel na política e economia mundiais. O petróleo do Iraque constituía, desde antes da Primeira Guerra Mundial, a base econômica do “eixo Berlim-Bagdá”, ou seja, da aliança entre o Império germânico dos Hohenzollern e o Império Otomano, como se chamava oficialmente na época a Turquia.

“Iraque” é uma palavra turca e quer dizer “distrito fronteiriço”. O Iraque era a província fronteiriça oriental da antiga Turquia. Nesta província, uma companhia alemã, a Deutsche Erdoel A. G., pertencente ao poderoso grupo do Deutsche Bank, obteve ampla concessão para exploração de petróleo. Ela extraiu, com resultados medíocres, o petróleo na região de Mossoul, na localidade de Ninivé, antiga capital da Assíria. Eis por que durante muito tempo o petróleo do Iraque foi chamado “petróleo de Mossoul”.

No fim da Primeira Guerra Mundial, a concessão alemã caducou e o Iraque, separado da Turquia, foi pôsto sob mandato da Liga das Nações. Os ingleses, virtualmente donos do país, abandonaram os campos de Mossoul, mas iniciaram a prospecção de outros muito mais ricos no Extremo Leste do Iraque, em Bibi-Eibat, perto da pequena cidade de Kirkuk, onde ainda hoje se encontra o principal centro da produção de petróleo iraqueano.

DISTRIBUIÇÃO DO CAPITAL

Entretanto, as outras grandes potências não queriam deixar exclusivamente aos ingleses esta fonte de imenso valor, considerada na época o campo de petróleo mais rico de todo o Oriente. Depois de longas e difíceis negociações, concluiu-se um acôrdo em 1925, que constitui até o momento a grande carta econômica e jurídica do petróleo do Iraque.

Em virtude dêste acôrdo, criou-se uma companhia interaliada (sob o nome de Iraq Petroleum Co., com sede em Londres), que recebeu a concessão para explorar petróleo em todo o Iraque. O capital da empresa foi dividido em quatro grandes partes de 23,75% cada uma, da seguinte maneira: uma ao grupo anglo-holandês da Royal Dutch-Shell; outra à Anglo-Iranian Oil Co. (anteriormente Anglo-Persian Oil Co.), também britânica; a terceira a um grupo americano, a Near East Development Corporation, controlada pela Standard Oil; a quarta à Compagnie Française des Pétroles, da

qual o governo francês é grande acionista.

Assim, as três grandes potências ocidentais repartiram entre si o petróleo do Iraque nas proporções 2:1:1, respectivamente: Grã-Bretanha, Estados Unidos e França. Estes três países detinham em conjunto 95% do capital da Iraq Petroleum Co. Os restantes 5% foram dados ao antigo proprietário e concessionário do terreno, o armênio Gulbenkian. Graças a esta engenhosa combinação, nenhum grupo ou país tinha a maioria do capital e o controle absoluto sobre o petróleo do Iraque, mas na realidade predominava a Inglaterra.

No transcurso dos últimos 23 anos, as diversas participações passaram várias vezes de mão ou simplesmente de nome, mas sempre no mesmo quadro nacional, estabelecido pelo acordo de 1925. A participação da Anglo-Iranian Oil Co., pertence hoje à British Petroleum Co.; a americana dividiu-se, através da Near East Development Corp., em partes iguais, entre duas companhias, a Standard Oil of New Jersey e a Socony-Mobil Oil. O grupo de ações de Gulbenkian foi transferido, após a morte de seu proprietário, para uma fundação. A Compagnie Française des Pétroles esforçou-se recentemente em comprar uma parte das ações da Gulbenkian Foundation, a fim de elevar sua própria participação a 25%, mas a transação não foi ainda realizada.

DIFICULDADES DE TRANSPORTE

Em síntese, sob o ângulo do capital, tudo permaneceu como se previu em 1925. Mas sob o ponto de vista do rendimento, houve grandes modificações. A exploração do petróleo do Iraque teve períodos muito prósperos e outros menos favoráveis. O primeiro problema a resolver foi o do transporte. A fim de evitar o longo caminho marítimo pelo Golfo Pérsico e o Canal de Suez, construiu-se um oleoduto, bifurcado através do deserto da Síria, até o Mediterrâneo; um ramal atingia Trípoli, no Líbano, outro Haifa, na Palestina, mas depois que Haifa se tornou um porto de Israel, os países árabes se recusaram a deixar passar o petróleo do Iraque por este caminho e o ramal do oleoduto de Haifa teve que ser fechado. Foi substituído por um novo, que termina no porto de Banias, na Síria. Durante o conflito de Suez, os dois ramais de Trípoli e de Banias foram cortados pelo governo da Síria, de modo que o transporte de petróleo proveniente de Kirkuk — cerca de dois terços da produção do Iraque — ficou interrompido por mais de um ano.

Por isto, a Iraq Petroleum Co. se esforçou em aumentar a produção de petróleo no Extremo Sul do país, em Basra, perto do Golfo Pérsico. Um terceiro campo de petróleo, muito menor, é agora explorado em Mossoul. A produção de Basra e de Mossoul é feita por

duas companhias fiscais da Iraq Petroleum Co. Apesar das dificuldades de transporte, ainda não inteiramente vencidas, a produção do Iraque atingiu, em 1957, 22 milhões de t, contra 31 milhões em 1956. Para 1958 esperam-se 35 milhões de t. Depois do Kuwait, da Arábia Saudita e do Irão, o Iraque é o quarto produtor do Oriente-Médio.

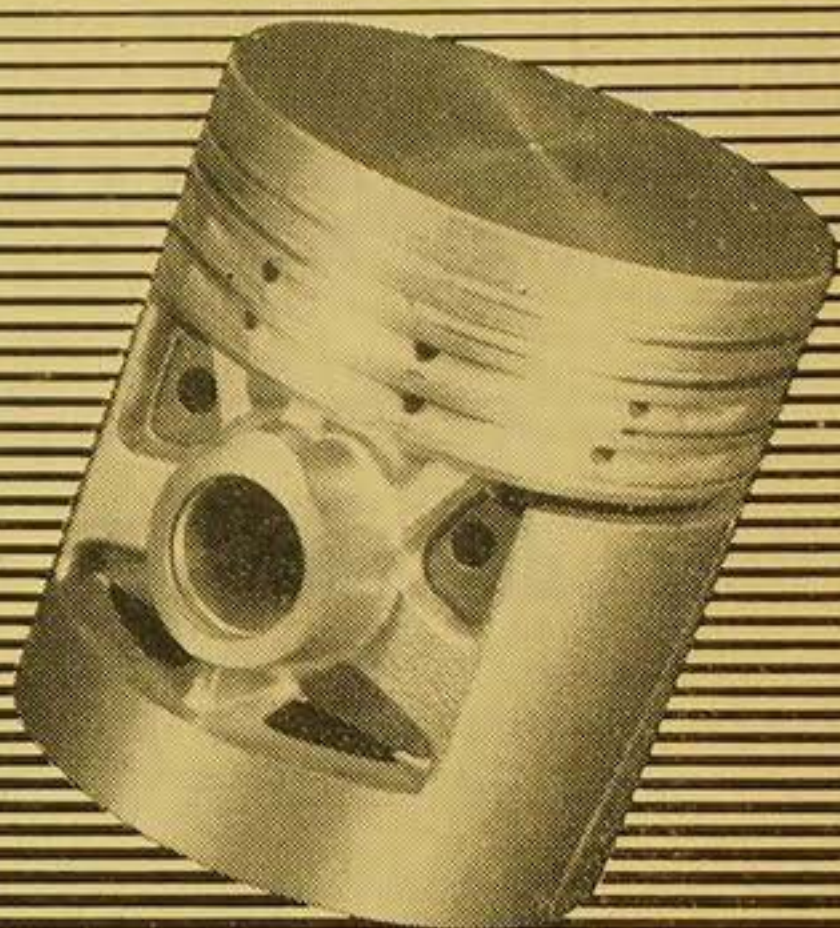
RECEITAS GOVERNAMENTAIS

Ora, os planos para o Iraque vão muito mais longe. Foi precisamente às vésperas da revolução de 14 de julho que o governo concluiu com a Iraq Petroleum Co. um novo contrato que obriga a companhia a duplicar sua produção até 1960. Por outro lado, a Companhia entregou ao governo parte de suas concessões. Embora se trate de terrenos menos produtivos, este acordo foi considerado por observadores competentes como primeiro passo para a nacionalização do petróleo.

Qualquer que seja o futuro regime de exploração, o petróleo continuará a ser para o Iraque a fonte vital de sua economia. A quase totalidade do produto é vendida ao exterior e constitui cerca de 80% das exportações do país. O petróleo assume também a maior importância para as finanças públicas. Os lucros da Iraq Petroleum Co. são distribuídos, como é costume nos países produtores do Oriente-Médio, segundo a fór-

PISTÕES

MAHLE



um produto fabricado no Brasil pela

METAL LEVE S/A

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua da Independência, 480 — Telefone 37-0146 (rede interna)
End. Telegráfico: "METALEVE" — Caixa Postal 6567 — São Paulo

PARA SUA GARANTIA

mula 50-50% entre a Companhia e o governo. Este receberá, se a produção continuar normalmente, 70-80 milhões de £ como "royalties" no ano em curso. Sem tais receitas, a realização do plano quinquenal (1955-1960), que prevê despesas de um bilhão de dólares, seria impossível.

Quanto ao abastecimento do mercado mundial, o petróleo do Iraque não tem a mesma importância que o da Venezuela ou o do Kuwait, mas não se deve subestimá-lo. Os dois principais clientes do Iraque são a França e a Itália. Em particular, a França importa

cêrca de 10 milhões de t por ano, pagas em parte com francos franceses. A Inglaterra, outrora também grande consumidor de petróleo iraqueano, compra-o apenas para satisfazer pequena parte de suas necessidades; 51% das importações britânicas provêm do Kuwait e 10% do Irão. Atualmente a produção mundial de petróleo ultrapassa a procura e, por conseguinte, uma interrupção da produção iraqueana teria pouca repercussão. Mas isto pode modificar-se e as perturbações políticas no Oriente-Médio fazem supor que em breve o mundo terá mais "sêde" de petróleo.